CORREIO
NO MUNDO

KREMLIN/ WIKIMEDIA COMMONS



Conversas seguirão nesta quarta-feira (11), nos Emirados Árabes

Pela 1ª vez desde fevereiro, Rússia e Ucrânia retomam negociações

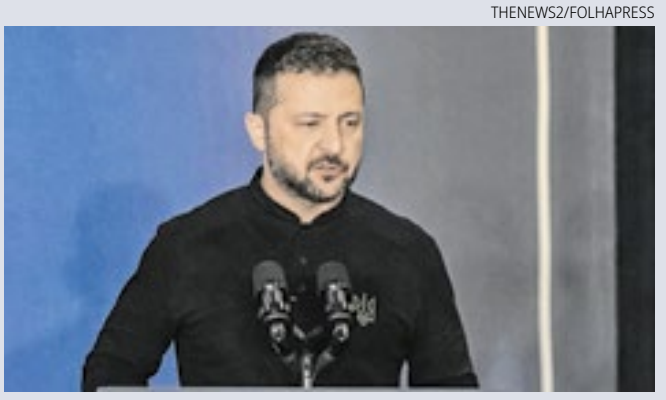
Autoridades da Rússia e da Ucrânia se reuniram na terça-feira (10), em Abu Dhabi, nos Emirados Árabes Unidos, para as primeiras negociações mediadas pelos Estados Unidos desde fevereiro. As conversas ocorrem em meio à tentativa do presidente Donald Trump de avançar em um acordo para encerrar a guerra e estabelecer garantias de segurança para a Europa. Segundo a Ucrânia, as conversas seguirão nesta quarta-feira (11). O enviado americano Jared Kushner (genro de Trump) disse aos delegados que os contatos recentes com os dois lados "identificaram e estreitaram as diferenças" e que os EUA têm "boas ideias" para superá-las.

Apesar do otimismo de Washington, passados mais de quatro anos e meio da invasão, com a Rússia controlando cerca de um quinto do território ucraniano, Moscou e Kiev seguem distantes em relação aos termos de um acordo.

Zelenski classificou primeiro dia como positivo

O presidente da Rússia, Vladimir Putin, mantém a exigência de que Kiev entregue toda a região oriental do Donbass como condição para um acordo de paz. O seu homólogo ucraniano, Volodimir Zelenski, por sua vez, rejeita ceder territórios. Zelenski afirmou nesta terça que o primeiro dia das negociações foi "construtivo e bastante substancial", após ser informado pelos negociadores de Kiev. Em um post no X, disse ainda que o encontro gerou "instruções claras para a continuidade do diálogo".

THENEWS2/FOLHAPRESS



Estados Unidos veem diferenças 'estreitadas' entre os países

Kiev busca a construção de um paz duradoura

O principal negociador ucraniano, Rustem Umerov, afirmou que Kiev se concentra na obtenção de garantias de segurança e na construção da paz duradoura. Já o ministro das Relações Exteriores da Rússia, Serguei Lavrov, reiterou que Moscou prefere discutir primeiro uma estrutura mais ampla de segurança europeia, antes de tratar especificamente do conflito entre os dois países. Na véspera, a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, defendeu que as discussões sobre segurança europeia devem ocorrer somente depois de um cessar-fogo na Ucrânia.

Europeus querem participar mais das negociações

Lavrov rejeitou a possibilidade de trégua, argumentando que europeus tentam ganhar tempo para Kiev. Representantes dos EUA, da UE, da Otan e de potências europeias se encontraram separadamente com as delegações americana e ucraniana. Os governos europeus têm pressionado por maior participação nas negociações, diante das propostas de Washington de uma mudança na estrutura de segurança do continente em caso de acordo.

Comunicado conjunto

Em comunicado conjunto, americanos, europeus e ucranianos reafirmaram o compromisso com uma segurança europeia sólida pós-guerra e destacaram que a integridade territorial e a soberania da Ucrânia devem ser respeitadas. O texto também defendeu a manutenção de uma Otan forte como elemento central da defesa coletiva euro-atlântica.

Preocupação europeia

A posição de preocupação europeia com a situação reflete a apreensão com possíveis concessões realizadas a Moscou. Antes de iniciar a guerra, em 2022, o Kremlin apresentou um ultimato à Otan, exigindo, entre outras medidas, a retirada de tropas da aliança militar do leste europeu. A proposta foi rejeitada pelos países ocidentais.

Acordo está próximo?

Na véspera das negociações, Trump afirmou que Washington identificava uma "inclinação muito forte" de ambos os lados para encerrar a guerra e disse que russos e ucranianos estavam "cansados de lutar". Depois de receber na Casa Branca, na semana passada, o enviado de Putin, o presidente americano disse que um acordo poderia ser alcançado em breve.

Guerra no Irã

O risco de uma retomada dos bombardeios contra o Irã "não está completamente afastado", afirmou nesta terça-feira (10) o chanceler da França, Jean-Noël Barrot, ao encerrar a reunião de ministros das Relações Exteriores do G7 em Paris. A avaliação contrasta com a realizada por Donald Trump na segunda (9), depois de receber o premiê qatari na Casa Branca.

Contrariou Trump

Na ocasião, Trump declarou que a guerra está "efetivamente terminada" do ponto de vista militar.

"Senão, não teríamos dedicado tanto tempo e tanta energia ao longo destes dois dias a abordar essas questões com nosso homólogo americano e com o primeiro-ministro do Qatar", afirmou o chanceler francês.

Apoio francês

A França apoia os esforços dos países da região por uma saída que leve à reabertura do estreito de Hormuz e evite novos ataques. O grupo dos quatro europeus — França, Reino Unido, Alemanha e Itália— volta a se reunir no início de dezembro com Turquia, Paquistão, Arábia Saudita e Egito.

Por João Caminoto (Folhapress)

CHAD MCNEELEY/ U.S. DEPARTMENT OF DEFENSE



Secretário de Defesa diz não estar preocupado: 'orgulho do nosso trabalho'

Câmara dos EUA abre processo de impeachment contra Pete Hegseth

Thomas Massie quer remover chefe do Pentágono por 'abuso de poder'

Por **Victor Lacombe (Folhapress)**

O deputado republicano Thomas Massie, do Kentucky, abriu nesta segunda-feira (9) um processo de impeachment contra o secretário de Defesa dos Estados Unidos, Pete Hegseth, cerca de uma semana após a derrota histórica do partido do presidente Donald Trump nas eleições de meio de mandato. A Câmara, ainda na mão dos republicanos, precisa votar a medida nesta semana.

Massie é um dos poucos políticos do Partido Republicano a fazer oposição a Trump. Por isso, o presidente apoiou um adversário nas primárias republicanas para sua vaga na Câmara —Massie acabou derrotado e terá que deixar o cargo em janeiro de 2027.

Ao abrir o processo de impeachment, Massie acusou Hegseth de crimes de guerra no conflito com o Irã, inclusive no ataque contra a escola em Minab que matou 156 pessoas, incluindo 120 crianças. "Tratou-se de um erro causado diretamente pelo desmonte conduzido pelo secretário Hegseth da infraestrutura jurídica do Departamento de Defesa criada para proteger civis", afirmou o deputado.

Para prosperar, o impeachment de um membro do gabinete presidencial dos EUA precisa ser aprovado por maioria simples na Câmara e, em seguida, por dois terços do Senado. Se antes das eleições uma medida como a apresentada por Massie tinha chance nula de avançar, dado o controle completo que o Partido Republicano tem do Congresso, o voto desta semana virou um teste do poder que Trump ainda tem sobre a base de seu partido no Legislativo.

Ainda que o impeachment seja derrotado nesta semana, os democratas terão maioria no Congresso a partir de 2027, podendo aprovar a destituição de Hegseth na Casa baixa. Entretanto, precisarão negociar com republicanos para atingir os 67 votos necessários na Casa alta —projeções apontam que a oposição deve obter 56 assentos.

O ataque à escola iraniana, prosseguiu Massie, "foi possível graças a uma recusa do secretário Hegseth de respeitar e seguir a doutrina e os princípios legais do Pentágono desenhados para mitigar danos a civis". O deputado relembrou falas nas quais Hegseth afirmou que proteção a civis seria um obstáculo ao objetivo de "máxima letalidade". "O ataque [à escola em Minab] não foi apenas um erro decisório, mas também um abuso de poder do secretário", disse.